

*Regressarão as amendoeiras floridas  
da saúde dos hinos a entoar,  
e de novo a sua brancura reluzente  
nos convidará a cantar.*

*Regressarão os vaivéns da vida  
contra toda a pandemia a combater,  
e de novo a sua energia generosa  
nos convidará a viver.*

*Regressará o arco-íris pressuroso  
da tormenta o fim a anunciar.*

*A luz das suas cores harmoniosas  
nos voltará a chamar.*

*Mas se reinar o culto do dinheiro  
acima da fraternidade.*

*Se o ego continuar a estar em primeiro:  
a crise regressará.*

Gustavo Adolfo BÉCQUER (1836-1870)

# Páscoa em pandemia

**A**DORO O MISTÉRIO  
IMORTAL DA VIDA  
em todos os viventes e,  
também, em ti amiga e amigo.  
Aí está a primeira lua cheia da  
primavera, os bosques  
reverdecem, os lírios florescem,  
cantam o cuco e o melro. Ergue  
os olhos e contempla, abre os  
ouvidos e escuta. É a Páscoa da  
Vida, tão débil e forte,  
vulnerável e poderosa. O  
mistério da energia vital de que  
vivemos. Da Terra viemos e de  
mais além, do cosmos, da  
origem eterna de tudo. Ao  
Infinito presente regressaremos.

É a Páscoa da pandemia, mas  
diz-me: não é verdade que toda  
e qualquer Páscoa brota,  
sempre, dalguma pandemia  
transformada em fecunda  
travessia, da arte de converter o  
veneno em vacina, a paixão em  
parto, a perda em liberdade, o  
egoísmo em compaixão, o eu no  
nós? É a Páscoa do  
confinamento, mas observa: no  
silêncio da tua casa fechada,  
ressoa e revela-se o universo  
infinito, tudo se abre. É a  
Páscoa do alarme geral, mas  
acredita: a Paz tudo sustenta e  
fecunda, apesar de tudo.

É a Páscoa ou a “Passagem” de  
Jesus, que é a minha maneira  
de dizer todas as páscoas: todas  
as cruces, todos os cânticos, a  
profunda respiração de todos os

seres, de todas as mulheres e  
homens, de toda a terra, de  
todos os astros, desde o  
primeiro quantum de energia,  
até à última galáxia. Tudo e  
para além de tudo. Mas nota:  
quando digo Jesus, não me  
refiro ao homem divino e  
humano, mas ao homem divino  
no humano, como tu e como eu,  
na medida – humilde medida –  
em que somos, de verdade,  
humanos, humildes, irmãos.  
Jesus foi-o, sem ter de ser  
perfeito.

Na sua curta, mas intensa vida,  
conheceu muitas pandemias: a  
miséria dos camponeses  
asfixiados pelas dívidas,  
afastados das sua terras pelos  
ricos latifundiários, a opressão  
romana, os impostos abusivos  
de Herodes e do templo, a fome  
e as doenças, e o desespero  
violento do povo empobrecido. E  
destas pandemias fez Jesus  
brotar a vida, como brotam os  
rebentos das cepas  
adormecidas. Transformar-se-ão  
em vides carregadas de cachos,  
e após nos darem os seus  
frutos, deixar-se-ão podar.  
Passou a vida fazendo o bem,  
denunciando o mal, curando  
feridas, comendo com gente  
impura, arriscando a vida  
perante o Pretório e o Templo,  
dando a sua vida até exalar o  
último suspiro, em uníssono

com o primeiro Alento ou suspiro imortal da Vida.

Foi crucificado por sua vida e em sua vida, e na Cruz ressuscitou. O primeiro é um facto histórico, o segundo é a minha singela confissão cristã, sem túmulos vazios nem aparições “milagrosas”. Ressuscitou na sua liberdade profética, na sua palavra provocadora, na sua esperança subversiva, na sua praxis curativa, nas suas refeições transgressoras, na sua bondade feliz, na sua bem-aventurança solidária com todos os crucificados. E, deste modo, o Irmão Ferido, se converteu - em linguagem cristã - em primícia ou antecipação, ícone e sacramento, profecia e revelação da Páscoa universal. Di-lo tu na tua própria linguagem. Diz.

E seja-me permitido insistir: a ressurreição que confesso não é uma prerrogativa única e exclusiva de Jesus, mas a minha forma de expressar - para lá da ciência e de qualquer filosofia ou religião -, entre dúvidas e perguntas, como São Tomás e como o próprio Jesus, a minha confiança última nesta pobre humanidade contraditória, na vida que era e será, na Terra que nos gerou, no Cosmos infinito, no Fundo do Ser, no Alento que tudo anima

eternamente: que tudo se transforma em tudo, como o grão de trigo que morre, que a chama da vida não se extingue jamais, que só o amor a mantém acesa, que só a bondade é invencível, que só na comunhão universal dos vivos, encontraremos a felicidade, porque quem dá a sua vida, torna-se um com a Vida, e cada dia é o primeiro dia da criação em que tudo é bom. Cada dia é o primeiro dia da Páscoa, em que Jesus se une aos inumeráveis mártires ou testemunhos da vida, no meio de todo este panorama desolador e, do fundo luminoso das suas chagas, aproxima-se de ti e diz: “Não temas. Sejas tu quem fores, estejas como estiveres, acredites ou não, acolhe a Paz que te oferece uma nova vida, a Paz que tudo cria. Que faz com que as pessoas abram o seu coração e se deixem possuir pelo amor, tornando-se cada qual sustentáculo para o outro: compaixão, proximidade, companhia. Entra mais profundamente e amplia a tua presença. Mais profundamente, até abraçares o segredo da Vida no seu centro universal.

JOSÉ ARREGI. Teólogo

<http://www.redescristianas.net/pascua-en-pandemiajose-arregui/>

# de uma mulher para Francisco, nos oito anos do teu pontificado



QUERIDO PAPA FRANCISCO, ANTES DE TUDO UM GRANDE OBRIGADO.

Obrigado por te teres dado completamente nestes oito anos. Desde o início desafiaste-nos com a conversão pastoral da toda a Igreja, e és o primeiro a comprometer-te por isso. O Concílio Vaticano II marcou um acontecimento histórico na vida da Igreja, e o teu pontificado será uma pedra angular no intenso e longo processo de realização do Concílio. Por isso, como nós, argentinos, costumamos dizer, meteste «a carne toda no assador» (deste tudo o que tinhas).

Obrigado por te teres deixado guiar pelo Espírito Santo, como o santo de Assis. Respondeste ao pedido «Francisco: vai e reconstrói a minha Igreja»; e oferecete-nos uma orientação com a *“Evangelii gaudium”*: Escutaste o grito dos mais pobres e o da terra, identificando-os numa única crise, à qual nos ensinas a responder com a *“Laudato si”*. E compreendeste que a chave para enfrentar os problemas do nosso mundo, mergulhado numa terceira guerra mundial combatida de maneira fragmentada, é uma sociedade de irmãos e irmãs, como nos indicas na *“Fratelli tutti”*: para continuar no caminho

do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, empreendido pelos teus antecessores.

Obrigado por seres o Francisco do século XXI e pela tua paixão pelas famílias, especialmente as mais necessitadas, demonstrada na *“Amoris laetitia”*.

Obrigado por teres procurado purificar e curar as feridas abertas da Igreja, a atrocidade dos abusos modernos e da escravidão, as violações da dignidade da mulher e o nosso distanciamento do viver quotidianamente o Evangelho.

Obrigado por teres ido para além das críticas e do vórtice maligno, guiando a barca da humanidade no meio da tempestade causada pelo coronavírus.

Obrigado por nos teres mostrado que é essencial empreender processos para obter a mudança; e que cada mudança requer um processo educativo que envolva todos.

Obrigado, sobretudo, por teres procurado dar à Igreja o rosto feminino que a identifica pela sua ternura, proximidade e misericórdia.

*Dar um novo passo*

Querido papa Francisco, recordo que o ano passado nos recomendaste pessoalmente para sermos corajosos como Maria Madalena, mesmo quando nos dirigimos ao papa. Por isso permito-me dizer-te, com todo o respeito, confiança e afeto, que, como mulher, sinto que algo nos é devido. Lutas contra o machismo e o clericalismo, mas penso que não se fez o suficiente para aproveitar a riqueza das mulheres que constituem grande parte do

povo de Deus.

Existe já uma teologia da mulher com múltiplas elaborações. A idoneidade das mulheres foi demonstrada na sociedade civil, na economia, na saúde, na educação, no cuidado pelo planeta, na defesa dos direitos humanos e em muitos outros campos, naturalmente, além da família e na catequese.

Esta mensagem não quer ser uma exigência. Não se trata de ocupar lugares para sermos “como vasos de flores”, apenas um ornamento, porque está na moda nomear mulheres; nem se trata de chegar a lugares para “subir” a posições de poder. Não. Trata-se de servir a Igreja com os dons que o Pai Criador nos deu: uma peculiar inteligência e sensibilidade, uma afetividade e uma capacidade particular para a gestação e formação das pessoas, e uma atitude especial para a geração de bens relacionais. Que o desejo por ti expresso, que as mulheres entrem nos grupos de decisão juntamente com os homens, deixe de ser considerado uma utopia e torne-se algo de comum na Igreja.

### *Partilhar um sonho*

Posso partilhar contigo um sonho meu? Sonho uma Igreja que tenha mulheres idóneas como juizes em todos os tribunais em que se tratam as causas matrimoniais, nas equipas de formação de cada seminário e para o exercício de ministérios como a escuta, a direção espiritual, o cuidado da saúde pastoral, o cuidado pelo planeta, a defesa dos direitos humanos, etc. Para os quais, pela nossa natureza, as mulheres estão preparadas igualmente ou por vezes melhor do que os homens. Não só as mulheres consagradas, mas todas as mulheres leigas que em cada região do mundo estão prontas a servir!

E sonho que, durante o teu pontifica-

do, inaugures, juntamente ao sínodo dos bispos, um sínodo diferente: o sínodo do povo de Deus, com uma representação proporcional do clero, dos consagrados e das consagradas, dos leigos e das leigas. Não seremos mais felizes só porque uma mulher vota pela primeira vez, mas porque muitas mulheres leigas preparadas, em comunhão com todos os outros membros desse sínodo, possam dar o seu contributo e o seu voto, que se juntará às conclusões que serão colocadas nas tuas mãos. Provavelmente, santo padre, tu já tens esta “carta no teu baralho” para colocar em prática a sinodalidade apenas no momento certo para a jogar.

Asseguro-te, querido papa Francisco, juntamente com a comunidade a que pertences, a UNIÃO MUNDIAL DAS ORGANIZAÇÕES FEMININAS CATÓLICAS e a ASSOCIAÇÃO DAS VIRGENS CONSAGRADAS SERVIDORAS – fundada na sua diocese de Buenos Aires pelo Servo de Deus P. Luis María Etcheverry Boneo – a nossa oração, confiando-a a Maria. Desagradamente não ter seguido os teus passos em muitos pontos. Comprometo-me, juntamente com milhões de mulheres católicas, a refletir mais a fundo sobre os teus ensinamentos e colocá-los em prática.

Confesso que a cada manhã, quando desperto, me pergunto: que surpresa nos preparará hoje o papa? Obrigado por teres aberto tantos caminhos abertos para a Igreja. Agradeço à Providência divina por isso e por tudo aquilo que recebemos através de ti durante estes primeiros oito anos de pontificado.

MARÍA LÍA ZERVINO. Presidente da União Mundial de Organizações Femininas Católicas / In *Settimana News* / Trad.: Rui Jorge Martins / Imagem: Papa Francisco, María Lía Zervino | D.R. / Publicado em 13.03.2021

# 1. Reflexão básica sobre uma Teologia para uma Igreja em saída



Para promover, hoje em dia, uma teologia para uma Igreja em saída, temos de aprofundar muito mais o conhecimento da sociedade pós-moderna, com as suas tensões, contradições e incertezas.

Humor gráfico religioso: Agustin de la Torre

## sair para a sociedade, para desenvolver ‘a experiência mística’ e o ‘compromisso político’

### 1. Um lema atrativo, mas insuficiente.

Na Igreja, há que não esquecer a tentação, sempre latente, de continuar a praticar o que sempre se fez, o que noutras tempos nos serviu para nos sentirmos dominadores e fortes, poderosos e importantes. É, simplesmente, a tentação de continuarmos sem conversão nem transformação nenhuma na Igreja. Entretanto, na nossa sociedade pós-moderna, Deus vai-se convertendo, numa forma cada vez mais acelerada, numa palavra sem conteúdo, numa abstração e, muitas vezes, numa má recordação que deve ser esquecida para sempre. Despertar, hoje em dia, entre nós uma “Igreja em saída”, apenas será possível com a reflexão lúcida e responsável dos teólogos e teólogas e, sobretudo, com a ação criativa e responsável dos pastores das comunidades cristãs.

### 2. Em saída para a sociedade pós-moderna.

**Para promover, hoje em dia, uma teologia para uma Igreja em saída, temos de aprofundar muito mais o conhecimento da sociedade pós-moderna, com as suas tensões, contradições e incertezas.** Porque? Primeiro porque, se a ignorarmos, continuaremos a desenvolver uma teologia

conceitual, formulada numa linguagem pré-moderna, anacrônica e ininteligível para os nossos dias. Segundo, porque se ignorarmos as questões que emergem da “crise de Deus” nos nossos tempos, não conseguiremos oferecer a Boa Nova de Deus. Vou só deter-me neste último ponto.

O teólogo alemão **J. B. Metz** considera a “crise de Deus” como o “facto nuclear” que se repercute na configuração do ser humano do nosso tempo. Esta “morte de Deus” na consciência humana não é uma boa notícia para ninguém, pois está a arrastar a humanidade para o “niilismo”, que alguns consideram o conceito “definidor da nossa época”. A razão é bem clara. O filósofo maiorquino G. Amengual resume-a numa forma brilhante: “Com a morte de Deus, não só se refere o desaparecimento da ideia de Deus e da metafísica que nela se fundamenta, como também toda e qualquer pretensão de oferecer coerência e sentido, fundamento e finalidade, meta e ideais: é o derrube de todos os princípios e valores supremos”.

Não é de estranhar que estejam a surgir questões tão decisivas como inquietantes: onde pode encontrar a consciência humana um novo eixo para orientar o seu percurso histórico? Como deter os desconcertos

humanos? **Que sucederá às religiões? Desaparecerão? Transformar-se-ão?** Quem poderá resolver o verdadeiro drama do homem pós-moderno, que parece incapaz de deter a “crise ecológica” que está a pôr em perigo o futuro do planeta? Que fazer quando, nas sociedades mais avançadas, os interesses imediatos são mais fortes do que qualquer planeamento realista e solidário para salvar o futuro da Humanidade?

### **3. Crítica da dupla tentação fundamentalista e sectária.**

Já o teólogo **Juan A. Estrada** nos alertava, nos começos deste século, para a dupla tentação fundamentalista e sectária do cristianismo. Ao que parece, esta dupla tendência está a aumentar em largos setores da Igreja que, em vez de se guiarem pelo lema da saída para o mundo atual, se esforçam por voltar ao passado. Estão à espera de que se encerre “o parêntesis de Francisco”, para voltarem à segurança do passado, convertendo a tradição num pilar que vem suprir a falta de criatividade. No fundo deste fundamentalismo integrista, o que se verifica é uma insegurança generalizada, resultante da falta de uma experiência viva de Deus, e uma grande desconfiança no projeto humanizador do reino de Deus.

**A esta tendência fundamentalista vem juntar-se, quase sempre, a tendência sectária e dinâmica de “ghetto”.** Tenta-se, deste modo, criar uma trama alternativa à sociedade, a partir da qual seja possível preservar, sem problemas, o depósito da tradição. Transforma-se o passado em presente e em matriz do futuro (J. A. Estrada). Não há futuro para uma Igreja fundamentalista e sectária. Ela vive, apenas, para si mesma e perde toda a capacidade de anunciar a Boa Nova de Deus à sociedade atual.

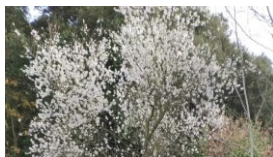
### **4. Sair atualmente para a sociedade, a fim de promover a “experiência mística” e o “compromisso político”.**

Foi **Karl Rahner** quem nos alertou para “experiência mística”: “O cristão do futuro, ou será místico, isto é, alguém que “experimentou” algo, ou não será cristão; porque a espiritualidade do futuro já não se apoiará num ambiente religiosos generalizado, prévio à experiência e decisão da pessoa”. Por isso Rahner denunciava com toda a ênfase: **“A Igreja de hoje deve redescobrir e atualizar as suas próprias forças espirituais.** É que, para sermos sinceros, no terreno da espiritualidade, nós somos, atualmente, numa tremenda proporção, uma Igreja sem vida... Continuam a predominar, hoje em dia, na Igreja... o ritualismo, o legalismo, a burocracia e um ir arrastando a vida, com uma resignação e um tédio cada vez maiores, através dos habituais carris da modernidade.

Foi o seu aluno J. B. Metz quem abriu o caminho para este compromisso político, com a sua “teologia política”, a sua crítica à “Igreja burguesa da sociedade do bem-estar, e a sua “espiritualidade de olhos abertos”. Duma forma mais simples, as espiritualidades de inspiração oriental ensinam-nos, sobretudo, a “fechar os olhos”, para descobrirmos, no silêncio interior, o Mistério último da realidade. **Parece-me importante que J. B. Metz nos tenha recordado que a espiritualidade de Jesus nos ensina, além disso, a “abrir os olhos” para vermos os que sofrem, os desnutridos, os esfomeados, as mulheres violadas e as esposas assassinadas...: ”saindo para as periferias”** (Francisco) e comprometendo-nos a construir um mundo mais digno, justo e fraterno.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA

[https://www.religiondigital.org/teologia\\_para\\_uma\\_iglesia\\_en\\_salida/Jose-Antonio-Pagola-Salir-experiencia-iglesia-salida-teologos-Papa\\_0\\_2184081584.html](https://www.religiondigital.org/teologia_para_uma_iglesia_en_salida/Jose-Antonio-Pagola-Salir-experiencia-iglesia-salida-teologos-Papa_0_2184081584.html) (12.12.2019)



Perante uma amendoeira florida de surpresa,  
em pleno inverno coronavírico.

a amendoeira de Faus

uma promessa na pandemia:

**“se o ego continuar a estar  
em primeiro, a crise regressará”**

**“Regressarão as escuras andorinhas”...**

Sexta-feira 5 de fevereiro. Cansado do confinamento (muito embora esteja numa situação quase privilegiada), e angustiado com alguns alarmes sanitários na minha comunidade, reparo que, em menos de quarenta e oito horas, **uma amendoeira, por baixo da minha janela, se cobriu de flores, como numa explosão:** a vida desabrochou ali, numa pandemia de brancura, a que o sol confere um relevo espetacular. Vem-me, então, à memória o gerânio de ETTY HILLESUM, e surgem-me, de súbito, três versos que logo tento completar:

Como esta entrevista promessa tem sombras bem evidentes, opto pelo esquema das andorinhas de BÉCQUER, que continham, sempre, algum “mas”. Apresento-o aqui, timidamente, pois talvez possa ajudar um pouco alguém:

*Regressarão as amendoeiras floridas  
da saúde dos hinos a entoar,  
e de novo a sua brancura reluzente  
nos convidará a cantar.*

*Regressarão os vaivéns da vida  
contra toda a pandemia a combater,  
e de novo a sua energia generosa  
nos convidará a viver.*

*Regressará o arco-íris pressuroso  
da tormenta o fim a anunciar.*

*A luz das suas cores harmoniosas  
nos voltará a chamar.*

*Mas se reinar o culto do dinheiro  
acima da fraternidade.*

*Se o ego continuar a estar em primeiro:  
a crise regressará.*

JOSÉ I. GONZÁLEZ FAUS

[https://www.religiondigital.org/miradas\\_cristianas/promesa-pandemia\\_7\\_2311938798.html](https://www.religiondigital.org/miradas_cristianas/promesa-pandemia_7_2311938798.html)